

PROJETO: INCERTEZAS CRÍTICAS

DURAÇÃO: 26 MINUTOS

PERSONAGEM: DOMINIQUE MOISI

BIOGRAFIA: Dominique Moisi é co-fundador do Instituto Francês de Relações Exteriores.

INT. CASA DO MOISI/ DIA

BLOCO 1

<p style="text-align: center;">NARRADOR</p> <p>Dominique Moisi é cientista político. Autor de “A Geopolítica das Emoções”, é conselheiro especial do Instituto Francês de Relações Exteriores. Em 2012, nós o visitamos em sua casa em Paris e ele nos concedeu uma entrevista sobre os novos rumos da política internacional com o crescimento dos países emergentes e a crise na Europa.</p> <p style="text-align: center;">MOISI</p> <p>Eu acho que a maior consequência, e a mais paradoxal, da crise europeia atual é o seu impacto sobre o crescimento dos países emergentes, é sobre a confiança dos países emergentes. Vocês nos olhavam como um espelho refletindo o seu próprio triunfo, vocês comparavam as suas taxas de crescimento às nossas, vocês nos diziam enquanto nos olhavam nos olhos, ontem eram vocês e amanhã seremos nós</p> <p>E tinha um tipo de confiança, um pouquinho de arrogância, vocês estavam prontos para ver a Europa como um museu</p>	<p style="text-align: center;">VINHETA DE ABERTURA</p> <p style="text-align: center;">VINHETA: “Crise europeia”</p>
---	--

de seu próprio passado. E de repente, a Europa não é mais este espelho, que reflete o sucesso de vocês, mas ela vira um objeto de risco, de perigo. E se nós fôssemos o revelador e o acelerador das suas profundas contradições? Então, há em vocês, um momento de dúvida, de hesitação. Vocês vêm bem, que em um país como o Brasil, o crescimento não é mais o que ele era, e uma das razões, é incontestavelmente o impacto da crise européia sobre a situação econômica mundial.

Eu acho que nós estamos no coração da mundialização neste momentos e que há várias maneiras de responder à pergunta, que você acaba de me fazer.

Sob um ponto de vista político, eu acho que a Europa deve salvar a Grécia, como o mundo deve salvar a Europa. A Europa não pode aceitar, que a Grécia entre em falência, quebre e abandone o Euro, e o mundo, nem mesmo a China, a Índia ou o Brasil, não podem permitir que o Euro se acabe, do fato da crise grega, a crise espanhola, etc. Então esta é uma resposta política. A exigência de solidariedade. No fundo a história avançou na direção de vocês, durante os últimos anos, mas agora o sucesso de vocês, dá à vocês responsabilidades. Então eu escuto pessoas no Brasil dizendo, vamos comprar de volta o Portugal e vamos fazer dele um estado a mais do Brasil. Isso vai aliviar os

VINHETA: “Como será a geopolítica das emoções na nova ordem mundial?”

FOTO: Gregos

FOTO: Cartazes do KKE no Pathernon

problemas europeus. Eu não acho que estejamos neste ponto.

Sob um ponto de vista cultural, e não político, eu acho que o que é importante, é que a Europa se dê conta primeiro, que ela deve ir em direção ao outro com muito mais modéstia e segundo, que ela deve ser muito mais ambiciosa em relação à ela mesma e que ela deve ser muito menos complacente em relação às facilidades, que ela se autorizou, durante os últimos anos.

Os países emergentes, devem se olhar nos olhos e entender, que a crise que o mundo atravessa, os obriga a encarar, às duas problemáticas chave, que unem a China, a Índia e o Brasil, para além das diferenças de cultura, de situação política, e estes dois problemas são: o aumento inaceitável das desigualdades sociais, e o segundo problema, a ausência de um Estado de direito que funcione. Tem desigualdade demais. Estas desigualdades, são uma ameaça para a sobrevivência da coesão social. É um problema que é muito forte nos países emergentes, mas é um problema que existe também, no mundo ocidental democrático. Um estudo mostrou recentemente nos Estados Unidos, que em 1970, em uma empresa americana, a distância entre os salários mais altos e os mais baixos, era de 40 a 1. Em 2007 era de 400 a 1. Isto não é aceitável socialmente. E a ausência de um Estados de direito, quer dizer na verdade a

VINHETA: “Saturação da modernidade”

persistência, de um nível muito elevado de corrupção é um veneno para sistemas, sejam eles democráticos como o Brasil ou a Índia, ou que não seja democrático como a China.

Eu acho que a expressão "país emergente" é uma expressão ambígua e simplista. A China não é um país emergente. É um país re-emergente. A força da China é a confiança que ela demonstra em relação ao seu passado. A China se diz "Nós vamos voltar a ser a primeira potência mundial, porque até o século 18 nós éramos." É então o slogan da China é "A China está de volta." No caso da Índia e do Brasil é muito diferente, são potências emergentes. O Brasil sempre foi o gigante da América Latina, mas nós sempre dizíamos "é o país do futuro", mas hoje em dia é o país do presente. É isto é uma realidade nova. Eu acho que tem qualidades no Brasil que não tem nos outros países da América Latina, em particular o fato que vocês têm no Brasil uma elite que se sente profundamente européia, mas que não tem nenhum complexo de inferioridade em relação à Europa.

VINHETA: "Os países emergentes"

FOTO: Pequim

FOTO: Muralha da China

FOTO: Balada em Ibiza

FOTO: Outra balada

Ao contrário do que acontece em praticamente todos os países da América Latina. É isto eu acho que o grande responsável é o Napoleão Bonaparte. Foi o Napoleão Bonaparte que ao tomar o poder em Portugal, forçando o rei de Portugal a se exilar no Brasil, que deu início a um processo de confiança dos brasileiros neles mesmos. O caso da Índia, é em alguns aspectos ainda mais extraordinário. A Índia, em sua composição atual, em sua identidade atual, é um país independente, há mais ou menos 60 anos, e é um país incontornável. Será que estes países podem ultrapassar os problemas de ausência de Estado de Direito? Eu diria que estes países hoje, todos, China, Índia, Brasil, qualquer que seja a sua diferença de sistema político, estão confrontados a necessidade absoluta de se reformar, de reformar o seu sistema. Então a reforma passa, efetivamente, pela construção de infraestrutura, de meios de comunicação, infinitamente mais importante na Índia, do que o que são hoje. Passa na China por uma reforma do sistema político, e isso não pode continuar, na verdade, nós vemos bem na ocasião de um período de transição que pela primeira vez não acontece bem, com o escândalo em volta da personalidade de Bo Xilai em Chung Xin a transição não está sendo boa. Os chineses devem introduzir muito mais transparência, muito mais rigor, eles mesmos estão conscientes disso.

FOTO: Pintura de Napoleão Bonaparte

FOTO: Comitê Central do Partido Comunista Chinês

FOTO: Bo Xilai

Será que eles são capazes? Esta é a pergunta.

Eu acho que a crise econômica foi um revelador da crise do político. E os dirigentes sempre nos falaram, há muito tempo, que o seu primeiro objetivo era o de reconciliar as sociedades com a política. Mas todos eles falharam. E hoje temos uma preocupante rejeição das elites, em todos os países. Nós vemos bem isso hoje, em um país que acaba de obter um governo legítimo, o que só pode ser considerado como um progresso em relação a ontem, a Itália. Houve eleições locais que foram na verdade eleições anti-elite. E eu acho que o movimento Occupy Wallstreet, o movimento dos indignados, a entrada dos deputados neo-nazis, no parlamento grego, traduzem uma revolta contra as elites do momento. E então, isto traduz claramente, a indignação em relação às distâncias de riqueza. O desespero de uma juventude desempregada. É preciso ver que em um país como a Espanha, mais de um jovem a cada dois estão desempregado. Uma situação que podemos encontrar do outro lado do Mediterrâneo, em países como a Tunísia ou o Egito, mas com certeza não em um país membro da União Europeia. É uma situação trágica, é uma falha das elites.

VINHETA: "Crise"

FOTO: Movimento Revoltados

FOTO: Pintura de Augusto Comte

<p>Eu acho que durante tempo demais as elites mentiram para as suas opiniões públicas. E quando eu falo das elites, eu falo principalmente das elites políticas. Em um país como a Grécia, estávamos em uma situação caricatural, na qual o povo re-elegia os seus dirigentes porque eles sabiam que seus dirigentes lhes mentiam, não lhes pedindo para fazer economias e sacrifícios. Durante muito tempo, tivemos o domínio de uma demagogia populista, quando precisávamos de uma pedagogia responsável. E é um problema. Si temos a subida dos populismos, da extrema direita ou da extrema esquerda, é porque teve, segundo a fórmula de um autor francês bem conhecido, Julien Benda, uma traição dos cleros, uma traição daqueles que tinham o conhecimento e o poder, e que não foram responsáveis.</p>	<p>VINHETA: "Elites"</p> <p>FOTO: Julien Benda</p> <p>FOTO:</p> <p>ENTRA VINHETA PRO COMERCIAL</p>
--	--

BLOCO 2:

NARRADOR

Nesse bloco, o cientista político Dominique Moisi fala do futuro do euro, da possibilidade de crescimento em tempos de crise e sobre a França em 2012.

MOISI

Eu acho que é preciso entender o resultado das eleições francesas. Que eu acho que foram mal interpretadas, em particular pela imprensa anglo-saxônica. Os franceses não votaram contra a austeridade, eles votaram contra Nicolas Sarkozy. Houve a rejeição do estilo pessoal de um homem. 2012 não tem nada a ver com 1981. Em 1981 havia uma esperança extraordinária à esquerda, um medo intenso à direita. Eu ainda lembro, em um bairro burguês, tinha tal contraste, entre o que eu via na minha televisão, as pessoas dançando na praça da Bastilha, mesmo com a chuva, e o que eu ouvia ao meu redor, ou seja, o silêncio absoluto. A gente quase podia ouvir as malas se fechando com as barras de ouro, das pessoas que partiam para a Suíça. Em 2012 há muito menos esperança à esquerda, é muito menos medo à direita. Sabemos que a margem de manobrado presidente Hollande, que é um social- democrata, que é um homem profundamente moderado, esta margem de manobra é profundamente estreita. O problema da França, é que ela se sente em um período de declínio relativo em relação aos países aos quais ela tinha o costume de se medir, de se comparar, ou seja, a Alemanha. Hoje há

ENTRA VINHETA DE RETORNO

VINHETA: "França"

FOTO: Nicolas Sarkozy

FOTO: François Mitterrand

FOTO: François Hollande

mais Alemanha na Europa, há menos França na Europa, também tem talvez menos Europa no mundo, a não ser em quanto tema de preocupação. E eu acho que este equilíbrio de desequilíbrios que existia ontem entre uma Alemanha mais dinâmica economicamente e uma França mais forte, no ponto de vista internacional era necessário. Isto desapareceu, e assistimos a algo novo, que me preocupa um pouco, é que na Alemanha, a confiança legítima, necessária está lentamente cedendo o lugar à arrogância. Os alemães nos explicam que eles se dão melhor do que nós, não apenas porque fizeram as boas escolhas, as escolhas corajosas, e para isto nós podemos apenas aplaudir, mas porque eles são alemães. É isto é um novo fato, e eu acho que precisamos absolutamente hoje de mais Europa, porque não há outra resposta, mas também porque é preciso manter a Alemanha na Europa. Em certo momento, se a crise europeia se agravasse, a Alemanha poderia estar tentada a dizer "eu pego minhas cartas de volta, eu não vou me deixar fechar neste conjunto decadente. A China tá me chamando, de maneira bilateral. Então eu vou com a China." Nós não estamos nem um ponto neste ponto, mas é um cenário que não poderíamos excluir, se a crise europeia se agravasse, e se o fim do Euro nos levasse à desapareição do projeto político europeu. É preciso nunca esquecer que o Euro, não é um projeto econômico, é um projeto político.

Não há alternativa, então deve continuar. Simplesmente estamos em um momento chave. Os gregos devem entender que se eles querem ficar no euro eles devem fazer sacrifícios, e os alemães devem entender que se eles querem a manutenção da União, eles devem ir ao socorro dos gregos. E é um pouco a conclusão que eu mesmo tiraria da situação atual, a Europa deve salvar a Grécia, assim como o mundo deve salvar a Europa.

Primeiramente eu acho que a multipolaridade é uma realidade, que vai continuar. O mundo de amanhã não será mais um mundo dominado pelo ocidente. O ocidente perdeu o monopólio dos modelos. Eu acho que a China está destinada a reencontrar o papel que era o seu até o final do século 18. O problema é saber se esta transição vai acontecer de maneira harmoniosa, suave, ou se há um risco que ela aconteça de forma brutal, ou até violenta. Eu acredito no Brasil, eu acho que as suas qualidades são grandes demais para que eles não dê certo finalmente, mas é evidente que o Brasil não pode se permitir nenhuma facilidade, ele não deve considerar que aconteceu, ele deve continuar lutando por mais justiça social, por mais rigor, por menos corrupção, por mais esforço ainda. Eu acho que a Índia tem cartas, mas que ela poderia acabar com elas, se não viesse ao poder uma classe política responsável.

VINHETA: "O euro deve continuar?"

VINHETA: "O mundo amanhã"

crescimento liberal de Mario Monti, ou de Draghi, o presidente do banco central europeu. Há compromissos possíveis. O crescimento através apenas do estado não é possível, nós estamos endividados demais. O crescimento através apenas da empresa, há hoje em dia freios, é preciso que o estado intervenha. Eu lia recentemente uma frase, que me tocou muito, do antigo prêmio Nobel de química Sir Ernest Rutherford, quando ele recebeu o prêmio Nobel, no começo dos anos 20, ao final da primeira guerra mundial, não lembro mais do ano exato, ele disse esta frase em inglês: "Gentleman, we've run out of money, it's time to start thinking." Eu acho que esta frase, é essencial: "Senhores, ficamos sem dinheiro, é hora agora de pensar." Esta frase se aplica a todos.

FOTO: Mario Monti

FOTO: Mario Draghi

FOTO: Ernest Rutherford

ENTRA VINHETA DE ENCERRAMENTO